

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS - UFNT
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – HABILITAÇÃO EM ARTES
(ARTES VISUAIS, ARTES CÊNICAS E MÚSICA)
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE DE TOCANTINÓPOLIS**



LIDIANE BRANDÃO MACÊDO

**O COCO BABAÇU E A TOBASA: IMPACTOS PARA O POVOADO FOLHA GROSSA NO
MUNICÍPIO DE TOCANTINÓPOLIS-TO**

**TOCANTINÓPOLIS-TO
2023**

LIDIANE BRANDÃO MACÊDO

**O COCO BABAÇU E A TOBASA: IMPACTOS PARA O POVOADO FOLHA GROSSA NO
MUNICÍPIO DE TOCANTINÓPOLIS-TO**

Trabalho de conclusão de curso - TCC apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, Campus Tocantinópolis, como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Licenciatura Em Educação Do Campo – Habilitação em Artes (Artes Visuais, Artes Cênicas e Música).

Professor orientador (a): Dr. Leandro Lente de Andrade

**TOCANTINÓPOLIS-TO
2023**

LIDIANE BRANDÃO MACÊDO


O COCO BABAÇU E A TOBASA:

IMPACTOS PARA O POVOADO FOLHA GROSSA NO
MUNICÍPIO DE TOCANTINÓPOLIS-TO


Monografia apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, curso de Licenciatura em Educação do Campo – Habitação em Artes (Artes Visuais, Artes Cênicas e Música) foi avaliado para a obtenção do título de Licenciada em Educação do campo com Habilitação em Artes (Artes Visuais, Artes Cênicas e Música) e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data da Aprovação 23/11/2023


Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 LEANDRO LENTE DE ANDRADE
Data: 27/02/2024 08:49:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leandro Lente de Andrade. Orientador UFNT

Documento assinado digitalmente
 SIDINEI ESTEVES DE OLIVEIRA DE JESUS
Data: 28/02/2024 00:15:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Sidinei Esteves de Oliveira de Jesus. Examinador UFNT

Documento assinado digitalmente
 IARA RODRIGUES DA SILVA
Data: 27/02/2024 10:08:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Iara Rodrigues da Silva. Examinadora UFNT

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- M141c Macêdo, Lidiane Brandão.
O coco babaçu e a Tobasa: impactos para o povoado Folha Grossa no município de Tocantinópolis-TO. / Lidiane Brandão Macêdo. – Tocantinópolis, TO, 2023.
51 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2023.
Orientador: Leandro Lente de Andrade
1. Extrativismo. 2. Coco babaçu. 3. Povoado Folha Grossa. 4. Tobasa.
I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por minha vida, e por me conceder força durante o curso para ultrapassar os obstáculos, e principalmente para concluir este trabalho.

O meu orientador Leandro Lente de Andrade que me guiou no trajeto, orientando com maestria, compreensão, e por incentivar no decorrer do trabalho.

A meus amigos e colegas de curso por dividirem momentos incríveis no decorrer do curso, além de conhecimentos, a ajuda foi fundamental.

A meus filhos João Victor Brandão Macêdo e Kevin Luís Alves Brandão que são a minha força e incentivo. Obrigada, meus amores, por suportarem tantas crises de estresse e ansiedade. Sem vocês ao meu lado este trabalho não seria possível.

A minha avó Neza dos Santos Macêdo, que conviveu diariamente com as consequências deste trabalho. O meu mais profundo agradecimento por toda paciência e incentivo, sempre acreditando em meu potencial e ajudou de todas as formas possíveis, obrigada por ser tão única e maravilhosa.

Dedico esse trabalho a minha família e em especial aos meus filhos João Víctor Brandão Macêdo, Kevin Luís Alves Brandão, minha avó Neza dos Santos Macêdo, minha mãe Natália Pereira Brandão, meu pai João dos Santos Macêdo (*in memorian*) e meu avô Luís Macêdo (*in memorian*) por sempre me apoiar e acreditar em meu potencial. A vocês meu profundo e eterno agradecimento.

DEDICO

“O homem não teria alcançado o possível se, repetidas vezes, não tivesse tentado o impossível.”

- Max Weber

RESUMO

Este trabalho trata sobre o coco babaçu e a Tobasa, com ênfase nos impactos no povoado Folha Grossa. O extrativismo do coco babaçu por muito tempo foi realizado por quebradeiras de coco que retiravam sustento para suas famílias, com o passar dos anos, com industrialização e o desmatamento, as quebradeiras perderam espaço, algumas conseguiram ressignificar seus trabalhos, outras abandonaram essa atividade, mas possuem familiares que trabalham em setores similares como de industrialização do coco babaçu, com intuito de utilizar seu óleo, casca como carvão, entre outras finalidades. O objetivo geral da pesquisa é evidenciar os impactos de forma geral da Tobasa no povoado Folha Grossa, tendo ainda como objetivos específicos a apresentação do histórico da empresa, apresentação do povoado Folha Grossa, conceituação do coco babaçu, impactos da Tobasa de modo geral no público-alvo. O trabalho foi estruturado em tópicos para facilitar a distribuição de conteúdo, após a metodologia foi exposto o referencial teórico, desenvolvimento e discussões, conclusão e referências, e outros dados em anexos a qual trazem a finalização necessária para essa pesquisa, mas não pretendem esgotar a temática pesquisada. A metodologia científica serviu de base para a abordagem utilizada nesta pesquisa, que utilizou o método qualitativo como forma de abordar o problema. A abordagem aos objetos em estudo foi exploratória, sendo realizada uma pesquisa de campo. Conclui-se ao fim da pesquisa que as experiências das entrevistadas esclarecem os desafios que encontraram para garantir o sustento familiar. Muitas delas começaram a partir cocos e a vender azeite ainda jovens, o que interferiu na sua educação e acabou por levá-las a abandonar os estudos para trabalhar no campo, realizar tarefas domésticas e apoiar as suas famílias.

Palavras-chave: Extrativismo. Coco Babaçu. Povoado Folha Grossa. Tobasa.

ABSTRACT

This work deals with the babassu coconut and Tobasa, with an emphasis on the impacts on the Folha Grossa village. Babassu coconut extraction for a long time was carried out by coconut breakers who provided sustenance for their families. Over the years, with industrialization and deforestation, the breakers lost space, some managed to give new meaning to their work, others abandoned this activity, but They have family members who work in similar sectors, such as the industrialization of the babassu coconut, with the aim of using its oil and shell as charcoal, among other purposes. The general objective of the research is to highlight the general impacts of Tobasa on the Folha Grossa village, with specific objectives also including the presentation of the company's history, presentation of the Folha Grossa village, conceptualization of the babaçu coconut, impacts of Tobasa in general on the public -target. The work was structured into topics to facilitate the distribution of content, after the methodology, the theoretical framework, development and discussions, conclusion and references, and other data in annexes were exposed, which bring the necessary conclusion to this research, but do not intend to exhaust the researched topic. The scientific methodology served as the basis for the approach used in this research, which used the qualitative method as a way to approach the problem. The approach to the objects under study was exploratory, with field research being carried out. At the end of the research, it was concluded that the experiences of the interviewees shed light on the challenges they encountered in ensuring family support. Many of them started breaking coconuts and selling olive oil at a young age, which interfered with their education and ended up leading them to abandon their studies to work in the fields, carry out domestic tasks and support their families.

Key words: Extractivism. Babassu Coconut. Folha Grossa Village. Tobasa.

RESUMEN

Este trabajo trata sobre el coco babasú y Tobasa, con énfasis en los impactos en la aldea Folha Grossa. La extracción del coco babasú durante mucho tiempo fue realizada por quebradores de coco que proporcionaban el sustento a sus familias, con el paso de los años, con la industrialización y la deforestación, los quebradores perdieron espacio, algunos lograron darle un nuevo sentido a su trabajo, otros abandonaron esta actividad, pero Tienen familiares que trabajan en sectores similares, como la industrialización del coco babasú, con el objetivo de utilizar su aceite y cáscara como carbón vegetal, entre otros fines. El objetivo general de la investigación es resaltar los impactos generales de Tobasa en la aldea Folha Grossa, con objetivos específicos que también incluyen la presentación de la historia de la empresa, presentación de la aldea Folha Grossa, conceptualización del coco babaçu, impactos de Tobasa en general. en el público objetivo. El trabajo se estructuró en temas para facilitar la distribución del contenido, luego de exponer la metodología, el marco teórico, desarrollo y discusiones, conclusiones y referencias, y demás datos en anexos, que aportan las conclusiones necesarias a esta investigación, pero no pretenden agotar el tema investigado. La metodología científica sirvió de base para el enfoque utilizado en esta investigación, que utilizó el método cuantitativo como forma de abordar el problema. El acercamiento a los objetos de estudio fue exploratorio, realizándose investigación de campo. Al final de la investigación, se concluyó que las experiencias de los entrevistados arrojan luz sobre los desafíos que encontraron para garantizar el apoyo familiar. Muchos de ellos comenzaron a partir pequeños cocos y a vender aceite de oliva, lo que interfirió en su educación y acabó llevándolos a abandonar los estudios para trabajar en el campo, realizar tareas domésticas y mantener a sus familias.

Palabras clave: Extractivismo. Coco Babasú. Aldea Folha Grossa. Tobasa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem aérea da TOBASA.....	19
Figura 2 – Imagem de satélite da localização da Tobasa no município de Tocantinópolis/TO.....	20
Figura 3 – Imagem de satélite da localização da Tobasa com ênfase na região central e vizinhança.....	20
Figura 4 – Povoado Folha Grossa.....	22
Figura 5 – <i>Bryophyllum pinnatum</i> , a popular Folha Grossa.....	23
Figura 6 – <i>Bryophyllum pinnatum</i> , a popular Folha Grossa.....	23
Figura 7 – Coco babaçu.....	24

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Mulheres entrevistadas.....	26
Quadro 2 – Exposição de perguntas e respostas da entrevista.....	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 METODOLOGIA	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO	15
4 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO	17
4.1 TOBASA BIOINDUSTRIAL: HISTÓRICO E BREVES CONSIDERAÇÕES	17
4.2 POVOADO FOLHA GROSSA	21
4.3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O COCO BABAÇU	24
4.4 O COCO BABAÇU E O POVOADO FOLHA GROSSA	25
4.4.1 Os Impactos Da TOBASA No Povoado Folha Grossa	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS	38

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata sobre o coco babaçu e a Tobasa, com ênfase nos impactos no povoado Folha Grossa. O babaçu, ou *Attalea ssp.* cientificamente, é uma planta nativa da região norte e do cerrado, suas formações são conhecidas por babaçuais, que se estendem e cobrem mais de 196 mil quilômetros quadrados no território brasileiro (CERRATINGA, 2023).

O extrativismo do coco babaçu por muito tempo foi realizado por quebradeiras de coco que retiravam sustento para suas famílias, com o passar dos anos, com industrialização e o desmatamento, as quebradeiras perderam espaço, algumas conseguiram ressignificar seus trabalhos, outras abandonaram essa atividade, mas possuem familiares que trabalham em setores similares como de industrialização do coco babaçu, com intuito de utilizar seu óleo, casca como carvão, entre outras finalidades.

Na cidade de Tocantinópolis/TO, havia anos atrás um grande quantitativo de babaçuais, com o crescimento da cidade e desmatamento da flora e mata nativa, esse quantitativo diminuiu drasticamente, o que fez com que a empresa local explorasse outras cidades em busca de mais matéria-prima.

A empresa foco desse trabalho é a TOBASA Bioindustrial, no mercado a mais de 50 anos cujo a matéria-prima explorada é o coco babaçu de forma integral. Baseado nisso a problemática que versa essa pesquisa gira em torno de: **Como a Tobasa impacta o povoado Folha Grossa?**

O objetivo geral da pesquisa é evidenciar os impactos de forma geral da Tobasa no povoado Folha Grossa, tendo ainda como objetivos específicos a apresentação do histórico da empresa, apresentação do povoado Folha Grossa, conceituação do coco babaçu, impactos da Tobasa de modo geral no público-alvo.

O trabalho será estruturado em tópicos para facilitar a distribuição de conteúdo, após a metodologia será exposto o referencial teórico, desenvolvimento e discussões, conclusão e referências, e outros dados em anexos a qual trazem a finalização necessária para essa pesquisa, mas não pretendem esgotar a temática pesquisada.

2 METODOLOGIA

A metodologia científica serviu de base para a abordagem utilizada nesta pesquisa, que utilizou o método qualitativo como forma de abordar o problema. A abordagem aos objetos em estudo foi exploratória, sendo realizada uma pesquisa de campo.

O método de coleta de dados consistiu na realização de entrevista semiestruturada com o grupo de quebradeiras de coco do Povoado Folha Grossa, e ainda foi realizada análise de informações da TOBASA e o povoado Folha Grossa.

Para desenvolver o trabalho, várias abordagens foram empregadas. Em primeiro lugar, o problema em questão foi analisado qualitativamente. Em segundo lugar, a pesquisa foi de natureza exploratória, com o intuito de atingir os objetivos traçados. Por fim, foi utilizado o procedimento técnico de estudo de campo para o desenvolvimento da pesquisa.

Em relação à metodologia empregada neste estudo, foi utilizada uma abordagem qualitativa. Conforme observado por Koche (2012) às características da pesquisa qualitativa chamam a atenção para o fato de que, do ponto de vista qualitativo, o ambiente natural é a fonte imediata de dados, o pesquisador é a ferramenta primária e os dados coletados são principalmente descritivos.

Quanto à metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos, foi empregada uma abordagem exploratória. A pesquisa exploratória serve ao propósito de ampliar o conhecimento sobre um tópico ou ocorrência específica. É uma forma direta de pesquisa que se aprofunda na realidade usando métodos diretos para obter conhecimento. Por outro lado, a pesquisa explicativa enfatiza a identificação dos fatores determinantes ou contribuintes que iniciam os fenômenos (Sampaio, 2022).

Conforme indicado por Menezes et. al (2019, p. 60), a pesquisa de campo exige a coleta de dados, que são então analisados por meio de várias técnicas de registro e análise.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Na construção do referencial teórico foram utilizados três autores que trazem visões críticas e necessárias a respeito de trabalho, precariedade, despertencimento social e desenraizamento em relação à natureza, além de globalização do trabalho. Os autores foram: Milton Santos, que é uma reflexão independente sobre o nosso tempo, um pensamento sobre os seus fundamentos materiais e políticos, uma vontade de explicar os problemas e dores do mundo atual. A obra dele traz uma reflexão sobre globalização e os impactos na sociedade, analisando do ponto de vista dele os pontos positivos e negativos. Francisco Vargas é outro autor que traz em sua obra pesquisada uma análise de trabalho e precariedade, podendo entender tais conceitos e sua correlação com a temática trabalhada. A terceira autora é Tânia Franco, que discute sobre alienação do trabalho: despertencimento social e desenraizamento em relação à natureza, que também é uma ótima obra para trazer pensamentos críticos com relação a temática aqui abordada. Os três autores trazem em suas obras análise necessárias que se correlacionam com ideias apresentadas no decorrer desse trabalho.

Santos (2001), Vargas (2016) e Franco (2011), mencionam que para a maior parte da população mundial, a globalização é vista como uma força destrutiva que gera imoralidade. As taxas de desemprego continuam a aumentar e a tornar-se um problema de longa data. A pobreza torna-se mais generalizada e a classe média sofre uma diminuição do seu nível de vida. Os salários tendem a diminuir, em média, e a fome e os sem-abrigo tornam-se mais prevalentes em todos os continentes. O acesso à educação de qualidade está se tornando cada vez mais difícil. Além disso, os problemas espirituais e morais estão a aumentar, incluindo o egoísmo, o cinismo e a corrupção.

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização (SANTOS, 2001, p. 20).

Com os pensamentos de Santos (2001) é possível entender, apesar de a globalização ter sido uma ferramenta de desenvolvimento tecnológico e em diversos

aspectos da humanidade, como pessoas sem escolaridade e com mais vulnerabilidade social acabam não possuindo as mesmas vantagens de evolução profissional e social. Diante dos pensamentos desses autores citados e correlacionando com a visão marxista, é correto dizer que no Brasil, a concentração de riqueza levou a disparidades sociais impossíveis de ignorar.

O forte contraste entre os centros urbanos prósperos e o resto do país é particularmente impressionante, destacando as profundas desigualdades que existem na sociedade brasileira. Por outro lado, a pobreza implica uma existência desafiadora para os indivíduos que devem subsistir na miséria, frequentemente sem instalações sanitárias, educação, cultura ou lazer adequadas. O professor de sociologia Fábio Medeiros comenta em uma reportagem feita para o G1 que indivíduos que possuem uma visão humanista ficam muitas vezes sobrecarregados e sensíveis quando confrontados com uma realidade como esta. As condições da vida humana no meio de tal progresso, tecnologia e acesso a bens e serviços que estão prontamente disponíveis para todos são inaceitáveis na consciência humanística.

A desigualdade visível com que somos confrontados é uma lembrança gritante desta realidade. Medeiros (2012) explica que a perspectiva marxista do modo de produção, que prioriza o lucro através da acumulação de capital e da exploração do trabalho, fornece entendimento sobre o estabelecimento da desigualdade. Esta visualização ajuda-nos a compreender as razões da existência desta desigualdade.

Em consonância com a temática aqui trabalhada os três autores trazem traços marxistas que fazem entender toda a história e importância do coco babaçu para a sociedade do povoado Folha Grossa, e que apesar das desvantagens, muitos conseguiram sustento desse trabalho que explora a natureza, e que é sem dúvidas precário, mas que gerou aos catadores e quebradeiras lembranças e aprendizados, e incentivou seus familiares a continuar no ramo de forma mais tecnológica, ou mudar a forma de trabalho em busca de condições financeiras e sociais melhores. São análises críticas válidas e que merecem serem realizadas para entender todo esse contexto de trabalho, globalização e desigualdade.

4 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

4.1 TOBASA BIOINDUSTRIAL: HISTÓRICO E BREVES CONSIDERAÇÕES

A TOBASA é uma empresa brasileira com mais de 50 anos no mercado, foi fundada em 1968 por Edmundo Baruque, porém teve seus trabalhos iniciados em 1970. No início a empresa visava aproveitar as amêndoas do coco para a fabricação de óleo e de torta de babaçu, essa pouca exploração do coco se dava por na época não existir tecnologias capazes de aproveitar todo o coco. Aos poucos a empresa foi mudando, desenvolvendo e alcançando maiores feitos com a colaboração do filho de Edmundo Baruque, também chamado pelo mesmo nome, e que trouxe maiores inovações em maquinários para a exploração completa do coco babaçu, evitando desperdícios da matéria-prima.

Sendo conhecida por sua razão social TOBASA BIOINDUSTRIA DE BABAÇU S/A, fica localizada R. da Tobasa, 900 - Centro, Tocantinópolis - TO, 77900-000, e tem segundo dados da empresa uma área de 175.00 metros quadrados. É uma empresa com uma proposta única e inovadora no mercado brasileiro desde sua criação. O grupo é pioneiro no desenvolvimento extrativista florestal, trabalham com tecnologias e processos diferenciados na exploração e aproveitamento integral do coco babaçu, gera economia e sustentabilidade.

O Projeto TOBASA realiza o aproveitamento sustentável da tradicional cultura florestal nativa da região, desde a cata e a coleta do coco de babaçu até a sua industrialização. A Empresa desenvolve, permanentemente, tecnologias aplicadas ao aproveitamento integral do coco, num modelo bioindustrial de valorização econômica desta rica biodiversidade da Floresta Amazônica. (TOBASA, 2023).

A empresa é responsável por empregar um pequeno quantitativo de trabalhadores da cidade de Tocantinópolis, apesar de seu porte, a empresa não representa ao menos 30% da economia local (TOBASA, 2023). A empresa explora o coco babaçu como um todo, desde a quebra, a cata, e todo o processamento do insumo para criação de produtos, produzindo carvão ativado, biomassas energéticas, óleo, dentre outros. É intrigantemente a maior fábrica de carvão ativo de coco da América Latina, e no BRASIL é a líder na produção e fornecimento de carvão ativado de coco.

A empresa segundo esta pesquisa busca empreender com qualidade e sustentabilidade, buscando ainda a geração de renda às comunidades agroextrativistas do Tocantins, e aumentando os resultados sobre o capital investido. O grupo possui como visão ser a referência no mundo como a bioindústria na Amazônia com maior aproveitamento integral de coco babaçu a partir de inovações, e beneficiando a sociedade e a indústria de forma única.

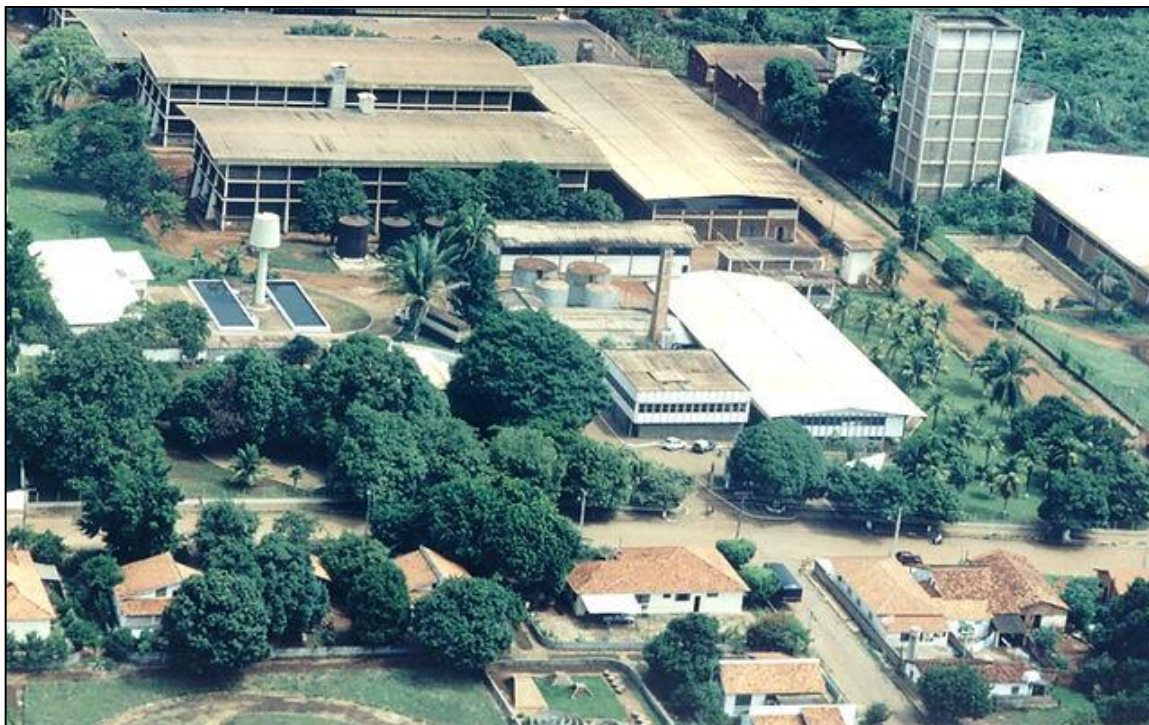
Segundo a empresa seus valores são (TOBASA, 2023):

- Ética e Transparência;
- Respeito e Sustentabilidade;
- Confiança e Otimismo;
- Empreendedorismo e Inovação;
- Coragem e Perseverança;
- Idealismo e Patriotismo.

Essa empresa de exploração de coco babaçu possui uma estrutura grande, e acaba por desenvolver, mesmo que de forma indireta responsável por um desenvolvimento industrial em Tocantinópolis e seus arredores. Mas é interessante ressaltar que apesar de seu porte, e do que muitos imaginam, a Tobasa não representa a principal fonte de emprego de Tocantinópolis. Em um workshop que ocorreu entre a Tobasa e a Secretaria do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Tocantinópolis, e que foi publicada na revista online Folha do Bico em 2012 (FOLHA DO BICO, 2012), tem-se acesso a dados de empregos gerados pela empresa, onde 150 são empregos diretos a empresa, e 1500 são serviços indiretos, que são de colaboradores na área florestal.

No auge de seu funcionamento, a antiga Tobasa, hoje Bioindustrial de Babaçu S/A, chegou a empregar quase 1000 pessoas. Na atualidade o número é bem menor. Ainda assim, a empresa realiza uma circulação de dinheiro na região, além de fornecer emprego a diversas famílias direta e indiretamente, sendo ainda campo de estudos de universidades e outras unidades estudantis, e ainda traz valorização para a exploração do todo do coco babaçu, e evidencia mesmo que muitos não percebiam o trabalho de quebradeiras de coco. Nessa pesquisa pretende-se esclarecer mais a esse respeito.

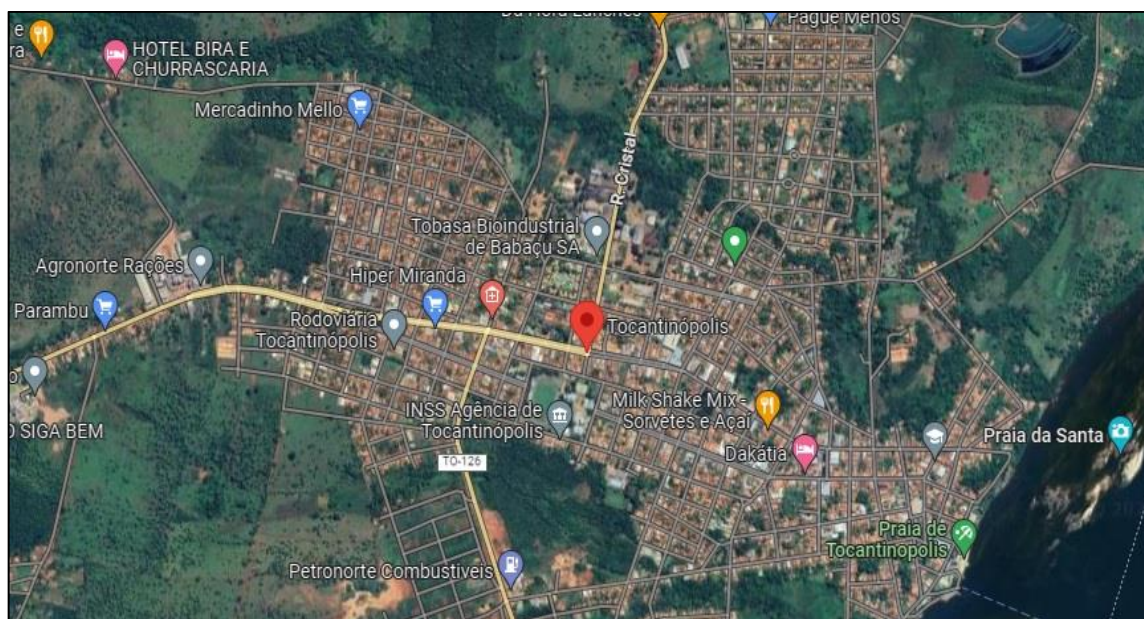
Figura 1: Imagem aérea da TOBASA



Fonte: Tobasa, 2023.

A imagem acima é recente e mostra parte do prédio principal da Tobasa a qual estão presentes o setor administrativo, alguns armazéns de coco e algumas partes da parte de queima e recebimento de matéria-prima.

Figura 2: Imagem de satélite da localização da Tobasa no município de Tocantinópolis/TO



Fonte: (GOOGLE, 2023)

Figura 3: Imagem de satélite da localização da Tobasa com ênfase na região central e vizinhança.



Fonte: (GOOGLE, 2023)

A Imagem 2, traz a representação visual por meio de satélite da localização da Tobasa no município de Tocantinópolis/TO. A imagem destaca a posição estratégica da Tobasa, contextualizando-a geograficamente no amplo cenário da região. Esse recurso visual é fundamental para compreender a interação da Tobasa com seu entorno, revelando aspectos geográficos que desempenham um papel importante em suas operações e na dinâmica local.

A Imagem 3, traz a representação da imagem de satélite da localização da Tobasa, com ênfase na região central e sua vizinhança, oferece uma perspectiva detalhada da infraestrutura e do entorno imediato da empresa. O destaque na região central proporciona compreensão sobre as características urbanas e a proximidade com elementos-chave, como vias de acesso e áreas residenciais. Essa análise visual enriquece a compreensão do ambiente em que a Tobasa está inserida.

4.2 POVOADO FOLHA GROSSA

O povoado Folha Grossa é uma comunidade que fica localizada as margens da TO-126, a 5 km do município de Tocantinópolis, sendo na atualidade um dos maiores povoados de Tocantinópolis. O povoado é composto por mais de 130 famílias, que ao passar dos anos casaram-se entre se e a maioria dos moradores são parentes e amigos.

A fonte de renda da maior parte dos moradores é de empregos que possuem na cidade de Tocantinópolis, em supermercados, na Tobasa, Asa Norte e outros estabelecimentos comerciais. Uma parte, principalmente de mulheres, trabalha de domésticas também em casa na cidade. O povoado conta com 6 ruas, atualmente sua rua principal é a TO-126, e está asfaltada, o que facilita o transporte e vida da população.

O povoado possui este nome pois, na chegada dos primeiros moradores ao local, havia uma enorme quantidade da planta conhecida pelo mesmo nome “Folha Grossa”. Tal planta é conhecida também como “folha santa” e por seu nome científico *Bryophyllum pinnatum*. A planta Folha Grossa possui fácil reprodução e por isso era bastante presente no povoado, nos dias atuais apenas algumas casas e locais do povoado possuem a planta, devido o desmatamento para construção de ruas e casas.

Figura 4: Povoado Folha Grossa



Fonte: Fernando Alves (2021).

Figura 5 e 6: *Bryophyllum pinnatum*, a popular Folha Grossa



Fonte: Acervo pessoal

As Figuras 5 e 6 do trabalho apresentam uma análise detalhada da *Bryophyllum pinnatum*, conhecida popularmente como Folha Grossa.

Essas figuras enriquecem o trabalho, fornecendo uma base visual robusta para os dados discutidos, consolidando assim a relevância da *Bryophyllum pinnatum* no contexto abordado.

4.3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O COCO BABAÇU

O coco babaçu é a matéria-prima foco dessa pesquisa, seu nome científico é *Attalea ssp.* é uma planta nativa da região norte e do Cerrado, suas formações são conhecidas por babaçuais que se estendem e cobrem mais de 196 mil quilômetros quadrados no território brasileiro.

Segundo Porro (2019) o coco babaçu pode ser caracterizado por suas imponentes palmeiras, e podem se estender por até 30 metros, enquanto suas extensas folhas arqueadas podem se estender por mais de oito metros. Cada palmeira tem entre três a cinco cachos de flores. De janeiro a abril, as árvores florescem e, de agosto a dezembro, os frutos amadurecem, rendendo entre 300 a 500 cocos por cacho. Estes cocos possuem um exterior duro, mas seu interior contém de 3 a 5 amêndoas que são muito valiosas no comércio, principalmente para a produção de óleo de coco babaçu.

Dona Raimunda, uma quebradeira de coco babaçu no Bico do Papagaio, personifica a resiliência e a força das mulheres envolvidas nessa atividade tradicional. Originária de uma comunidade onde o extrativismo do babaçu é uma prática ancestral, Dona Raimunda testemunhou as transformações em seu papel ao longo das décadas. Inicialmente, sua jornada era marcada por condições desafiadoras e exploração, mas, através da organização coletiva, ela e outras quebradeiras buscaram melhorias nas condições de trabalho e reconhecimento de seus direitos.

A importância da organização coletiva para as quebradeiras de coco babaçu no Bico do Papagaio é evidente na conquista de avanços significativos. Essas mulheres uniram forças para enfrentar a exploração e reivindicar seus direitos, estabelecendo cooperativas e associações que promovem não apenas a valorização do trabalho, mas também a preservação ambiental e cultural. Através desse movimento coletivo, as quebradeiras de coco fortaleceram sua voz, promovendo mudanças positivas em suas vidas e na comunidade, ao mesmo tempo em que preservam uma prática tradicional tão fundamental para a região.

Imagem 7: Coco babaçu



Fonte: Acervo pessoal

De modo geral, a indústria de amêndoa teve um declínio a partir de 1970 e acabou por atingir as comunidades mais tradicionais de quebradeiras de coco. A devastação das palmeiras de babaçu derrubadas para dar lugar a pastagens e para deter os extrativistas destruiu os meios de subsistência locais. Embora os agricultores familiares tenham tentado recuperar parte das terras por meio de assentamentos de reforma agrária, as florestas de babaçu remanescentes permanecem ameaçadas. Em locais de grande propriedade geralmente voltados à exploração industrial do coco babaçu houve menos impacto, uma vez que os períodos de pousio mais longos são possíveis.

Nesse sentido de nova expansão da exploração do coco é correto informar que até 2011, o babaçu era o segundo recurso florestal não madeireiro mais valioso do país, atrás do açaí, com um valor total de R\$ 142 milhões (IBGE, 2021). No entanto, desde 2012, a castanha do Pará, a erva-mate e a carnaúba ultrapassaram em receita gerada. A quantidade produzida de babaçu vem apresentando tendência decrescente desde a década de 1980, com apenas 60 mil toneladas produzidas em 2016. A queda da indústria do babaçu pode ser atribuída a mudanças no mercado industrial, embora outros fatores também influenciam a produção extrativista de babaçu.

O coco babaçu chama atenção por sua versatilidade, podendo ser utilizado como todo, desde a casca até a amêndoa, seja para produção de óleo ou azeite, produção de carvão ou biomassa, artesanato, enfim, é um fruto versátil e que possui

a sua relevância que transcende seu valor de produção, pois é colhido na entressafra das principais culturas da região. A renda que gera ajuda a sustentar as famílias, evitando uma migração em massa das áreas rurais. Além disso, o papel do babaçu na preservação da fertilidade do solo é fundamental para a sustentabilidade dos sistemas agrícolas.

4.4 O COCO BABAÇU E O POVOADO FOLHA GROSSA

O estudo de campo propiciou conhecer e observar um trio de quebradeiras de coco babaçu que vivem no povoado Folha Grossa, e mediante alguns relatos colhidos em conversas com as entrevistadas será possível apresentar a realidade do coco babaçu, o povoado Folha Grossa e a empresa Tobasa.

As três mulheres entrevistadas, com faixa etária entre 60 e 78 anos de idade, são donas de casa, com histórias de vida semelhantes que tiravam do coco babaçu o seu sustento e das suas famílias. Os diálogos foram norteados pelo cotidiano delas, relatos de vida, de profissão e do trabalho na roça:

Quadro 1: Mulheres entrevistadas

ENTREVISTADA A	ENTREVISTADA B	ENTREVISTADA C
Aldenora Pereira Soares – 76 anos (1947)	Rita Gomes Lima – 78 anos (1944)	Eliza Ribeiro da Silva – 67 anos (1956)

Os diálogos durante esta pesquisa seguiram um roteiro semiestruturado, as entrevistas duraram cerca de dois dias. Para garantir o conforto de cada entrevistada, as visitas ocorreram em suas respectivas residências. É importante ressaltar que as participantes deste estudo não possuem filiação a quaisquer movimentos, cooperativas, associações, sindicatos ou organizações. No entanto, elas compartilham uma identidade coletiva dentro da comunidade. Em essência, elas formavam um coletivo local.

De acordo com os relatos das participantes, era raro as mulheres do povoado quebrarem cocos individualmente. Elas participavam de uma prática chamada “adjunta”. Durante essa prática, elas se reuniam na casa de uma das quebradeiras para auxiliar na quebra dos cocos. Em troca da ajuda, as ajudantes recebiam um dia de assistência e toda semana era em uma casa diferente.

Ante o exposto até o momento, foi possível perceber que o povoado Folha Grossa faz parte do território do município de Tocantinópolis, no extremo Norte do estado do Tocantins, e que como em todo o território que possui coqueiros de coco babaçu, no povoado Folha Grossa houve desmatamento e perda de grande parte dos coqueirais onde se colhia os frutos. Porém, apesar do desmatamento, e mudanças com o passar do tempo, é interessante expor um pouco a respeito dos impactos da Tobasa no Povoado Folha Grossa.

4.4.1 Os Impactos Da TOBASA No Povoado Folha Grossa

As entrevistas foram realizadas com três mulheres, quebradeiras de coco, e que hoje ainda realizam a atividade, mas não como antes por questão de idade. Entre as muitas perguntas feitas a elas, foram selecionadas algumas que cabem melhor dentro dessa temática do tópico, e que abrem espaço para a discussão de outras perguntas realizadas nas entrevistas.

Quadro 2: Exposição de perguntas e respostas da entrevista

	ENTREVISTADA A	ENTREVISTADA B	ENTREVISTADA C
1. Qual seu nome e idade?	Aldenora Pereira Soares, tenho 76 anos	Rita Gomes Lima, 78 anos	Eliza Ribeiro da Silva, eu sou de 56 do dia 02 de fevereiro
2. Em que ano você chegou aqui no povoado? Ele já tinha esse nome? Se não, qual era o nome?	“Quando eu cheguei era Folha Grossa mesmo, agora o ano é que não sei se foi em 42, 52 não tô lembrando o ano, mais já era Folha Grossa”.	“Quando eu cheguei o nome era Folha Grossa já, foi em 45”.	“Quando cheguei para Folha Grossa eu tava com idade de 2 anos, quando a mãe veio de onde nós morávamos foi em 1958”.

<p>3. Você sabe o motivo do povoado ter esse nome? Fale um pouco a respeito</p>	<p>“Também não sei qual nome era antes, por que quando vim do maranhão já vim direto aqui pra esse povoado, e meus pais não disseram o porquê do nome ser esse”.</p>	<p>“Não sei, porque nunca vi ninguém falar do porquê do Folha Grossa, quando chegamos já era esse nome Folha Grossa e ai não sei o significado”</p>	<p>“Não sei dizer porquê quando nós chegamos aqui já conhecemos por Folha Grossa.”</p>
<p>4. Fale um pouco sobre a evolução do povoado desde sua chegada até os dias de hoje</p>	<p>“Quando nós chegamos pra cá a dificuldade era em tudo, para botar roça, ir para escola, que a escola já tinha aqui mas era nas casas que a gente estudava, Não tinha água. A gente buscava no ribeirão grande, era a maior dificuldade lavar roupa, louça depois mudou pra igreja, estudei muito lá, até a 4º serie”.</p>	<p>“Quando cheguei aqui tava com 1 ano de nascida, nasci em 44, em 45 nós viemos com um ano de nascida, aí daí pra cá foi só, eu cresci e vendo meus pais trabalhar e falar sobre esse povo, tem muita gente que tinha vindo pra cá e gostado, vieram de muda do Maranhão pra cá porque gostaram. Agora melhorou, de antes era muito difícil pra gente” (sic.).</p>	<p>“Teve melhoria assim sabe, porque primeiro todo mundo aqui era pessoal sofrido, aí quem não era que tinha uma condição melhor pra suprir os outros que não tinha igualmente nós que era quebradeira de coco, aí “nós quebrava” o coco e vendia pra eles para nós comprar os alimentos na mão deles”.</p>
<p>5. Quando você chegou no povoado tinham muitos palmeira de coco babaçu?</p>	<p>“Tinha, isso aqui tudo era mato, ali no fundo não tinha esse orrô de quinta não. A gente quebrava coco pra esses lados, não tinha estrada, era tudo mato.”</p>	<p>“Tinha mais coco, pois agora o “povo derrubaram” muitos cocos, quase acabaram, tem mais pra fora, afastado, aqui mesmo acabaram quase com o coco babaçu” (sic.).</p>	<p>“Tinha muito coco, essas bandas aqui, essas terras aqui, até para um lado e para o outro até sair no cemitério era tudo coco, foram desmatando, não foi nem tanto para fazer casa, foi para fazer quinta pra botar gado”.</p>
<p>6. Você colhia e utilizava o coco babaçu? Se sim, qual a utilidade para sua vida?</p>	<p>“A gente juntava, quebrava para comprar o que comer com o dinheiro do coco”</p>	<p>“Sim, a gente colhia e utilizava, até hoje uso”.</p>	<p>“Era, a utilidade que tinha era igualmente nós tamos falando, “nós quebrava” ele, vendia pra comprar alimento pra nós comer, essa casca aqui de primeiro ninguém fazia conta dela.”</p>

<p>7. Fale se vendia ou não o coco babaçu (Se usava apenas para alimentação ou servia para vender e dar dinheiro a família?)</p>	<p>“Era vendido, nesse tempo era Joaquim Farias que comprava lá na cidade. Utilizava para alimentação, e vendia para sustento da família. Vendia só o bago, e o azeite era pra consumo próprio”.</p>	<p>“Quebrava muito coco para comprar as coisas, mais agora não precisa mais, agora só usar mesmo. Mas antes usava só o bago, quebrava e vendia, pesava na balança. Comprava caderno pra meus meninos, quebrei coco pra meus meninos ir pro colégio. Era difícil”</p>	<p>“Naquela época vendia só o coco mesmo, “os comprador” aqui era finado seu Paizim e o finado Gentil, o azeite que tirava era só para gasto da casa mesmo, agora não a gente já tira e vende, naquele tempo era difícil demais, aqui mesmo no Folha Grossa nós sofremos de mais. Hoje em dia agradeço a Deus por ter colocado essa riqueza para nós porque hoje em dia facilitou demais”.</p>
<p>8. O que fazia com a casca do coco?</p>	<p>“Era queimada, de certo tempo pra cá foi que viemos usar, antes era tudo queimada”.</p>	<p>“Primeiro a gente não fazia nada, só queimava, aí daí pra cá eu não sei a data que a gente começou a fazer o carvão, eu sei que a gente queimava, juntava tantos cocos e quebrava. Depois de separar o bago, a casca a gente queimava, a gente não sabia que elas servia pra fazer carvão aí a gente só tocava fogo e de certos tempos pra cá que foi descoberto.”</p>	<p>“Essa casca aqui de primeiro ninguém fazia conta dela, essa casca tinha um depósito, botava ela toda só para queimar pra não ficar em cima da terra, ai onde o pessoal botava também o gado, jumento passava o dia inteiro roendo essa casquinha aqui a pela do coco, ai depois a madinha Maria do finado Derico foi quem descobriu, aqui todo mundo cozinhava era na lenha que naquele tempo nem gás não tinha ainda, era cozinhado na lenha, ai depois da lenha que ela surgiu esse carvão, ela foi uma vez na Imperatriz, quando me entendi já tinha gás mais era difícil, não era todo</p>

			<p>mundo que tinha condição de usar, só era mais na lenha, eu mesma conheci a dona frozina cozinhando só na lenha, o Antônio Rita também tudo era na lenha”.</p>
<p>9. Sua renda era apenas do coco babaçu? Se sim, até hoje é assim?</p>	<p>“Era só o coco mesmo, porque da roça não podia vender, se vendesse faltava, aí todo mundo quebrava coco, a gente tirava o azeite para comer e quebrava pra vender para comprar o que comer, vendia só o bago do coco o azeite não, nós fazia um monte em casa, mas pra quebrar espaiado ia de três, quatro companheira, não era sozinha não, fazia um monte ajuntava aquele "orrô" de "muié" quebrava pra uma um dia e ia quebrando pra outra, era o adjunto, quebrava mais era em grupo, sozinha só quando ia pro mato mesmo, mas em casa era o adjunto o nome”.</p>	<p>“Era só o coco, não tinha outra renda, agora é só para consumo”.</p>	<p>“Era só o coco mesmo, “nós não tinha” renda de outra coisa, veio ter uma rendinha a mais já foi um vale gás na época de 70 e 72, até a era desses meninos meu ainda foi uma época sofrida porque não tinha emprego, era só o coco, nois quebrava coco só, mas mais era de adjunto eu fazia o monte quebrava aqui em casa, ajuntava dez, doze, quinze muié ai na outra semana era lá na casa da dona frozina, cada semana era essa vizinhança, nós não tinha cocau como a dona frozina , aí quebrava espaiado pro rumo do sembau tudo nós andava quebrando coco”.</p>
<p>10. A quanto tempo você trabalha com o coco babaçu?</p>	<p>“Dos meus 13 anos até agora, quando eu cheguei aqui tinha 6 anos, aí fui crescendo e aprendendo, aí aos 13 anos, já mocinha que ajudava a mamãe a quebrar coco para</p>	<p>“Comecei acho que com uns 10 anos”.</p>	<p>“Eu comecei eu tinha a base de uns 8 anos, quando eu comecei quebrando que eu não dava conta nem de partir, com 13 anos já quebrava era muito, e aí eu comecei nessa época, e até hoje tô</p>

	ajudar comprar roupa, calçado”.		com 67 anos e ainda hoje vivo nessa luta rea, quebrando coco, eu acho bom quebrar coco, agora não tô podendo muito porque é uma dor no braço e o machado ruim, mas até o ano passado ainda quebrei muito coco”.
11. Se não existisse o coco babaçu como seria sua vida no início aqui no povoado?	“Difícil, porque a roça que fazia não dava para vender para ficar dinheiro para sustentar a família, o coco era que sustentava tanto as mulheres quebrava, quanto os homens, quando “eles não tava” na roça, quebrava coco também”.	“Era mais difícil, porque não tinha outra profissão, eu não tinha saber pra arrumar um serviço, minha vida não foi fácil, quebrava coco para comprar toda coisa de comer”.	“Se não tivesse o coco babaçu não sei nem como teria sido minha vida, porque eu não tinha outro emprego, pra “mim” trabalhar e naquele tempo não tinha nem “barreção” de rua. Eu deixava meus filhos sozinhos o dia todinho e tocava nessa mata do simbal pra quebrar coco, saia de manhã quando chegava era 5 horas da tarde em casa, quando chegava ia caçar uma coisinha pra eles comerem”.
12. Se você ainda trabalha com o coco babaçu, hoje usa apenas a amêndoa dele ou usa ele como um todo?	“O coco agora a gente tá aproveitando tudo. Antigamente só usava a coco mesmo e a paia para cobrir a casa, e hoje tem o azeite, tem o carvão e a paia, agora a paia quase não ta mais utilizada que nem antigamente”.	“Usa tudo, casca faz carvão, bago do coco faz azeite, a palha cobre casa, e a madeira também faz a madeira da casa, o Silvino tem casa aqui coberta com a madeira do coco, usa tudo”.	“Do coco se aproveita tudo, não se perde nada do coco, porque você faz carvão, da palha você faz uma casa, do olho da palha faz abano, esteira, do talo faz parede, até sabão de coco eu faço, há se o pessoal desse valor ao coco, agora acabou não tem mais quebradeira de coco, é faço tudo com ele até sabão do gongo eu faço, pense num sabão bom para ariar vasilha, ele tem um cheirinho mas quando areia a vasilha

			não fica cheiro de nada, aí depois que fiquei de maior mesmo cuidando dos meus filhos quebrando coco, panhando feijão nas roças alheias, panhando arroz de mea, aí onde eu achava a oportunidade de plantar um pedacinho eu plantava pra mim colher minhas coisinhas”.
13. Qual a importância do coco babaçu para você e para o povoado?	“Pra mim é grande porque se não fosse ele, e através dele, a gente não tava contando a história, porque ele ajudou muito a gente a sobreviver”.	“É muito importante, muita gente tira o óleo para comer e para vender, tem gente que vende até hoje, como a Eliza mesmo tira pra vender, eu não tiro pra vender, eu tiro para o consumo mesmo, eu vendia mais agora não vendo mas não. Antes era a renda que tinha, vendia para comprar alguma coisa que era melhor do que vender por quilo de coco e tirando o azeite vendia mais ou menos o litro de azeite”.	“ O coco babaçu pra mim foi tudo, eu agradeço muito a Deus e a rocinha também que a gente ia ganhar arroz nas roças alheias, aqueles que tinha dó da gente dava, mas tinha gente ruim que não dava não, preferia pagar, nós cansamos de pegar arroz na arroba”.
14. Sua vida teve algum impacto após a implantação da Tobasa em Tocantinópolis? Se sim, fale um pouco se foi bom ou ruim	“Não, porque ele a gente sempre vendia lá, aí quando parou de vender lá, surgiu o seu Paizim aqui, e na Mariazinha, seu Leriano e o Ciço. A gente ia para Mariazinha quebrar coco e vendia pra ele lá e seu Paizim a gente vendia aqui e	“Não, porque ela não incomodou eu fazer, tirar o meu azeite, continuo do mesmo jeito”.	“Não, assim sobre a Tobasa, foi até bom por uma parte, porque a Tobasa começou a pegar esses coco, aí tem muita gente também que é fraco de condição de se empregar em outro emprego aí se emprega na Tobasa em pegar coco, sem

	<p>seu Paizim vendia lá na na rua para seu Joaquim Faria. Pra mim não, a Tobasa não teve diferença”.</p>		<p>eles os cocos se estruía, pois os mais vei que quebrava morreu quase tudo, e os mais novo não sabe quebrar e mesmo quem sabe não se interessa, quem é que vai tá numa poeira dessa aqui, por um lado a Tobasa foi boa o coco não ta se perdendo muito porque quem tinha seus cocos esse pessoal mais velho não vendia não coco pra Tobasa não, aí nós que quebrava pra eles e eu mesma aqui eu não tinha coco eu ia quebrar pra dona Frozina de mea, ao depois eu achei que o produto tava muito pouco pra gente, aí eu quebrava ele vendia o azeite ai daquele azeite que eu vendia comprava tapioca fazia bolo pra mim vender nas festas, comprava um quilinho de carne tudo com coco, tudo era renda do coco”.</p>
<p>15. Quantas pessoas do povoado que você conhece trabalham na Tobasa?</p>	<p>“Só esses meninos do Mané Brasa que “trabaia”, e agora tem pouco, acho que o Robinho também já trabalhou na Tobasa”.</p>	<p>“Que eu sei, só esses meninos mesmo, o Robim”.</p>	<p>“O Dé “trabaia” lá, o Robim já “trabaiou” lá também, parece que o Ivan também, e o Tchally”.</p>
<p>16. Você sabe quem foi o primeiro morador do Povoado Folha Grossa?</p>	<p>“Não, que quando nós chegamos aqui já tinha gente morando aqui”.</p>	<p>“Não, porque não sei se foi o finado Raimundo Caboco, não sei se foi ele, sei que quando chegamos aqui</p>	<p>“Pra mim te dizer a verdade eu não sei quem foi os primeiros moradores daqui, porque quando cheguei já tinha muita</p>

		parece que ele já “tava” morando aqui que é o pai da madrinha Carmosa.”.	gente aqui, o morador mais velho que conheci aqui foi finado João Chico, pai da madrinha Zelina, finado Zé batata pai da comadre Alcina, finado Martins, aquele povo do Luís caboco também”.
17. Você sabe quando (ano) o povoado foi criado?	“Não”	“Não, não sei.”	“Não”

Segundo relato da entrevistada A não houve em sua vida nenhum impacto trazido pela Tobasa, e ela descreve o impacto da implementação da empresa da seguinte forma, “Não, porque ele a gente sempre vendia lá, aí quando parou de vender lá, surgiu o seu Paizim aqui, e na Mariazinha, seu Leriano e o Ciço. A gente ia para Mariazinha quebrar coco e vendia pra ele lá e seu Paizim a gente vendia aqui e seu Paizim vendia lá na rua para seu Joaquim Faria. Para mim não, a Tobasa não teve diferença”.

Em consonância com a entrevistada A, a B relatou que a Tobasa não a incomodou, nas palavras dela, “Não, porque ela não incomodou eu fazer, tirar o meu azeite, continuo do mesmo jeito”.

Em complemento ao relato das outras duas entrevistadas, a C, relataram sobre se a Tobasa teve impacto em sua vida, ela disse que, “Não, assim sobre a Tobasa, foi até bom por uma parte, porque a Tobasa começou a pegar esses cocos, ou muita gente se empregou lá, sem eles os cocos se estruíam, pois os mais “vei” que quebrava morreu quase tudo, e os mais novo não sabe quebrar e mesmo quem sabe não se interessa”.

Por fim, após cada pergunta feita, e após analisar todas as respostas e relatos, percebeu-se que as três entrevistadas possuem orgulho da sua história como quebradeiras de coco, e que criaram seus filhos e ajudaram seus esposos com seus trabalhos de quebradeira de coco. Mas é notado que elas não incentivaram seus filhos nesse trabalho, desde almejem melhoria de vida para eles, e por falta de interesse deles. Mas, que alguns conhecidos, apesar de não serem quebradeiras de coco, acabam trabalhando com o extrativismo do coco babaçu por meio da Tobasa.

O debate em torno da Lei do Babaçu Livre, especialmente no contexto do projeto de lei nº 231 de 2007, representa um marco significativo na busca por reconhecimento e preservação dos direitos das quebradeiras de coco no Bico do Papagaio. Este projeto de lei visa assegurar a liberdade de acesso às áreas de babaçu, protegendo as comunidades tradicionais que dependem desse recurso para sua subsistência. A discussão em torno dessa legislação levanta questionamentos cruciais sobre a garantia de direitos territoriais e a necessidade de conciliar atividades econômicas sustentáveis com a preservação ambiental.

Ao analisar as falas no debate sobre a Lei do Babaçu Livre, é essencial considerar as diferentes perspectivas apresentadas pelos legisladores, comunidades locais, e outros atores envolvidos. A legislação busca equilibrar interesses econômicos e ambientais, sendo essencial refletir sobre as implicações práticas e sociais dessa proposta. Através da análise crítica das intervenções e posicionamentos expressos durante o debate, é possível compreender a complexidade das questões enfrentadas pelas quebradeiras de coco babaçu, bem como as possíveis lacunas ou desafios que o projeto de lei pode apresentar na prática.

Além disso, é relevante integrar as percepções das quebradeiras de coco, destacadas no texto do trabalho, ao debate sobre a Lei do Babaçu Livre. Suas experiências e opiniões oferecem uma visão valiosa sobre como as políticas propostas impactam diretamente suas vidas e sustento. Incorporar essas vozes na análise contribui para uma compreensão mais completa e sensível das dinâmicas envolvidas, permitindo a identificação de áreas que demandam atenção especial na implementação da legislação e no desenvolvimento de medidas que realmente beneficiem as comunidades envolvidas.

Por fim, resta mencionar que a Tobasa impactou, sim, o povoado Folha Grossa empregando os jovens na indústria. No geral, cerca de 5 jovens do povoado trabalham na empresa e outros mais já trabalharam. Contudo esses jovens, no geral, não enxergam a empresa como algo ruim, mas como uma oportunidade de emprego e de aproveitamento da matéria-prima do coco babaçu.

De acordo com relatos das entrevistadas, seus parentes e conhecidos que trabalham na Tobasa informam que possuem uma qualidade razoável de vida, o trabalho é pesado por mexerem com a caldeira quente, onde ocorre um dos processos mais relevantes da indústria, recebem salário-mínimo e mais adicional de insalubridade por conta da fumaça e outras situações que põem em risco sua saúde.

Porém, utilizam equipamentos de proteção individual como os exigidos pelas Normas Trabalhistas.

Ademais, as informações quanto ao relacionamento interpessoal no trabalho desses conhecidos as entrevistadas não souberam informar como eram. Contudo, chega-se à conclusão que muitos não possuem qualificações que lhe permitam trabalhar na Tobasa, outros possuem chances, mas, por medo de perigos relacionados ao trabalho, preferem não tentar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de campo propiciou conhecer e observar um trio de quebradeiras de coco babaçu que vivem no povoado Folha Grossa, e mediante alguns relatos colhidos em conversas com as entrevistadas foi possível apresentar parte da realidade das relações entre coco babaçu, povoado Folha Grossa e empresa Tobasa.

Por ser membro da comunidade do povoado Folha Grossa, e por conhecer as entrevistadas resolvi escolher a temática do “O coco babaçu e a Tobasa: impactos para o povoado Folha Grossa no município de Tocantinópolis-TO”. O intuito foi responder a problemática proposta no que diz respeito a como vidas foram afetadas pela chegada de uma grande empresa e a prática extrativista do coco babaçu no Povoado Folha Grossa.

Apesar das limitações para desenvolver a pesquisa como a disponibilidade das entrevistadas, todo o trabalho e pesquisa ocorreu bem. Com a elaboração desse trabalho foi possível notar que uma parcela de jovens do povoado trabalha ou trabalhou na Tobasa.

Foi possível ainda concluir que as entrevistadas não possuem o desejo de que seus filhos e netos continuem a ser quebradeiras de coco, uma vez, que apesar do orgulho que elas possuem por serem quebradeiras, elas sabem que o trabalho é árduo, e preferem incentivar os mais jovens a estudar e buscar melhora de vida.

O objetivo geral deste trabalho foi evidenciar os impactos de forma geral da Tobasa no povoado Grossa, tendo ainda como objetivos específicos a apresentação do histórico da empresa, apresentação do povoado Folha Grossa, conceituação do coco babaçu, impactos da Tobasa de modo geral no público-alvo. Os objetivos foram alcançados com sucesso.

As experiências destas mulheres esclarecem os desafios que encontraram para garantir o sustento familiar. Muitas delas começaram a partir cocos e a vender azeite ainda jovens, o que interferiu na sua educação e acabou por levá-las a abandonar os estudos para trabalhar no campo, realizar tarefas domésticas e apoiar as suas famílias. Por fim, incentiva-se um estudo ainda mais aprofundado dessa temática, sendo um espaço amplo de pesquisa e de valorização cultural e de entendimento sobre evolução territorial.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fernando. **Povoado Folha Grossa**. Foto 2021.

_____. **BABAÇU**. Cerratinga, 2023. Disponível em:<<https://www.cerratinga.org.br/especies/babacu/>>. Acesso em: 16 set. 2023.

BRASIL. **PL 231/2007**. Câmara dos Deputados, 2007. Disponível em:<<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=342456>>. Acesso em: 20 out. 2023.

CARVALHO, Luis Osete Ribeiro. DUARTE, Francisco Ricardo. MENEZES, Afonso Henrique Novaes. SOUZA Tito Eugênio Santos [et al.]. **Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância**. Petrolina-PE, 2019. 83 p.: 20 cm. 1 Livro digital. Disponível em:< <https://portais.univasf.edu.br/dacc/noticias/livro-univasf/metodologia-cientifica-teoria-e-aplicacao-na-educacao-a-distancia.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2023.

CEZARIO, Bruna; ALCANTARA, Alex. **Bryophyllum pinnatum: saiba como cultivar em casa a folha-da-fortuna**. G1, Casa e Jardim, 04 mar. 2022. Disponível em:<<https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Paisagismo/Plantas/noticia/2021/10/bryophyllum-pinnatum-saiba-como-cultivar-em-casa-folha-da-fortuna.html>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

_____. **Desenvolvimento Rural: a história de Dona Raimunda, a quebradeira de cocos e de paradigmas**. ONUmulheres, 2018. Disponível:<<https://www.onumulheres.org.br/noticias/desenvolvimento-rural-a-historia-de-dona-raimunda-a-quebradeira-de-cocos-e-de-paradigmas/>>. Acesso em: 16 set. 2023.

FOLHA DO BICO. **TOCANTINÓPOLIS: Tobasa e SEMADES avalia processo de industrialização do babaçu**. Folha do Bico [online], Tocantins, 22 out. 2012. Disponível em:< <https://www.folhadobico.com.br/tocantinopolis-governo-avalia-processo-de-industrializacao-do-babacu/>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

FRANCO, Tânia. **ALIENAÇÃO DO TRABALHO: despertencimento social e desrenraizamento em relação à natureza**. CADERNO CRH, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 171-191, 2011. Disponível em:< FRANCO, Tânia - Alienação do Trabalho.pdf>. Acesso em: 25 set. 2023.

GOOGLE. **Imagem de satélite da localização da Tobasa no município de Tocantinópolis/TO**. Google Maps. 2023. Disponível em < <https://encurtador.com.br/hmrQ7> > Acesso em: 01 nov. 2023.

IBGE. **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**. IBGE/LSPA. Fortaleza: IBGE/GCEA-CE. Dezembro. Série 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, outubro de 2021. Documento impresso.

_____. **Imagem de satélite da localização da Tobasa com ênfase na região central e vizinhança.** Google Maps. 2023. Disponível em < <https://encurtador.com.br/bkwzZ> > Acesso em: 01 nov. 2023.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa.** 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MEDEIROS, Fábio. **Professor explica a desigualdade social a partir da visão de Karl Marx.** G1, 2012. Disponível em:< G1 - Professor explica a desigualdade social a partir da visão de Karl Marx - notícias em Vestibular e Educação (globo.com)>. Acesso em: 25 set. 2023.

PORRO, Roberto. **A economia invisível do babaçu e sua importância para meios de vida em comunidades agroextrativistas.** Scielo, 2019. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/pTzRmXNGf5FVsH8WZjwyc5S/#>>. Acesso em: 16 set. 2023.

SAMPAIO, Tuane Bazanella. **METODOLOGIA DA PESQUISA.** – 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, CTE, UAB, 2022. 1 e-book : il. Disponível em:< https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/26138/MD_Metodologia_da_Pesquisa.pdf?sequence=1>. Acesso em: 05 jul. 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal.** 6* ed. - Rio de Janeiro: Record, 2001. Disponível em:< SANTOS, Milton - Por uma outra globalização.pdf>. Acesso em: 25 set. 2023.

TOBASA. **Nossa Empresa.** Tobasa em:<<https://www.tobasa.com.br/empresa>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

VARGAS, Francisco Beckenkamp. **TRABALHO, EMPREGO, PRECARIIDADE: dimensões conceituais em debate.** Caderno C R H, Salvador, v. 29, n. 77, p. 313-331, Maio/Ago. 2016. Disponível em:< VARGAS, Francisco - Trabalho, Emprego e Precariedade.pdf>. Acesso em: 25 set. 2023.

ANEXOS

1 QUESTIONÁRIO

1. Qual seu nome e idade?
2. Em que ano você chegou aqui no povoado? Ele já tinha esse nome? Se não, qual era o nome?
3. Você sabe o motivo do povoado ter esse nome? Fale um pouco a respeito
4. Fale um pouco sobre a evolução do povoado desde sua chegada até os dias de hoje
5. Quando você chegou no povoado tinham muitas palmeira de coco babaçu?
6. Você colhia e utilizava o coco babaçu? Se sim, qual a utilidade para sua vida?
7. Fale se vendia ou não o coco babaçu (Se usava apenas para alimentação ou servia para vender e dar dinheiro a família?)
8. O que fazia com a casca do coco?
9. Sua renda era apenas do coco babaçu? Se sim, até hoje é assim?
10. A quanto tempo você trabalha com o coco babaçu?
11. Se não existisse o coco babaçu como seria sua vida no início aqui no povoado?
12. Se você ainda trabalha com o coco babaçu, hoje usa apenas a amêndoa dele ou usa ele como um todo?
13. Qual a importância do coco babaçu para você e para o povoado?
14. Sua vida teve algum impacto após a implantação da Tobasa em Tocantinópolis? Se sim, fale um pouco se foi bom ou ruim
15. Quantas pessoas do povoado que você conhece trabalham na Tobasa?
16. Você sabe quem foi o primeiro morador do Povoado Folha Grossa?
17. Você sabe quando (ano) o povoado foi criado?

ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM ALDENORA (ENTREVISTADA A).

1. Qual seu nome e idade?

Aldenora Pereira Soares, tenho 76 anos

2. Em que ano você chegou aqui no povoado? Ele já tinha esse nome? Se não, qual era o nome?

“Quando eu cheguei era Folha Grossa mesmo, agora o ano é que não sei se foi em 42, 52 não tô lembrando o ano, mais já era Folha Grossa”.

3. Você sabe o motivo do povoado ter esse nome? Fale um pouco a respeito

“Também não sei qual nome era antes, por que quando vim do maranhão já vim direto aqui pra esse povoado, e meus pais não disseram o porquê do nome ser esse”.

4. Fale um pouco sobre a evolução do povoado desde sua chegada até os dias de hoje.

“Quando nós chegamos pra cá a dificuldade era em tudo, para botar roça, ir para escola, que a escola já tinha aqui mas era nas casas que a gente estudava, não tinha água. A gente buscava no ribeirão grande, era a maior dificuldade lavar roupa, louça depois mudou pra igreja, estudei muito lá, até a 4º serie”.

5. Quando você chegou no povoado tinham muitos palmeira de coco babaçu?

“Tinha, isso aqui tudo era mato, ali no fundo não tinha esse orrô de quinta não. A gente quebrava coco pra esses lados, não tinha estrada, era tudo mato.

6. Você colhia e utilizava o coco babaçu? Se sim, qual a utilidade para sua vida?

“A gente juntava, quebrava para comprara o que comer com o dinheiro do coco”

7. Fale se vendia ou não o coco babaçu (Se usava apenas para alimentação ou servia para vender e dar dinheiro a família?)

“Era vendido, nesse tempo era Joaquim Farias que comprava lá na cidade. Utilizava para alimentação, e vendia para sustento da família. Vendia só o bago, e o azeite era pra consumo próprio”.

8. O que fazia com a casca do coco?

“Era queimada, de certo tempo pra cá foi que viemos usar, antes era tudo queimada”.

9. Sua renda era apenas do coco babaçu? Se sim, até hoje é assim?

“Era só o coco mesmo, porque da roça não podia vender, se vendesse faltava, aí todo mundo quebrava coco, a gente tirava o azeite para comer e quebrava pra vender para comprar o que comer, vendia só o bago do coco o azeite não, nós fazia um monte em casa, mas qiebrar espaiado ia de três, quatro companheira, não era sozinha não, fazia um monte ajuntava aquele "orrô" de "muié" quebrava pra uma um dia e quebrando pra outra, era o adjunto, quebrava mais era em grupo, sozinha só quando ia pro mato mesmo, mas em casa era adjunto o nome”.

10. A quanto tempo você trabalha com o coco babaçu?

“Dos meus 13 anos até agora, quando eu cheguei aqui tinha 6 anos, aí fui crescendo e aprendendo, aí aos 13 anos, já mocinha que ajudava a mamãe a quebrar coco para ajudar comprar roupa, calçado”.

11. Se não existisse o coco babaçu como seria sua vida no início aqui no povoado?

“Difícil, porque a roça que fazia não dava para vender para ficar dinheiro para sustentar a família, o coco era que sustentava tanto as mulheres quebrava, quanto os homens, quando eles não tava na roça, quebrava coco também”.

12. Se você ainda trabalha com o coco babaçu, hoje usa apenas a amêndoa dele ou usa ele como um todo?

“O coco agora a gente tá aproveitando tudo. Antigamente só usava a coco mesmo e a paia para cobrir a casa, e hoje tem o azeite, tem o carvão e a paia, agora a paia quase não ta mais utilizada que nem antigamente”.

13. Qual a importância do coco babaçu para você e para o povoado?

“Pra mim é grande porque se não fosse ele, e através dele, a gente não tava contando a história, porque ele ajudou muito a gente a sobreviver”.

14. Sua vida teve algum impacto após a implantação da TOBASA em Tocantinópolis? Se sim, fale um pouco se foi bom ou ruim

“Não, porque ele a gente sempre vendia lá, aí quando parou de vender lá, surgiu o seu Paizim aqui, e na Mariazinha, seu Leriano e o Ciço. A gente ia para Mariazinha quebrar coco e vendia pra ele lá e seu Paizim a gente vendia aqui e seu Paizim vendia lá na na rua para seu Joaquim Faria. Pra mim não, a tobasa não teve diferença”.

15. Quantas pessoas do povoado que você conhece trabalham na TOBASA?

“Só esses meninos do Mané Brasa que trabaia, e agora tem pouco, acho que o Robinho também já trabalhou na Tobasa”.

16. Você sabe quem foi o primeiro morador do Povoado Folha Grossa?

“Não, que quando nós chegamos aqui já tinha gente morando aqui”.

17. Você sabe quando (ano) o povoado foi criado?

“Não”

ENTREVISTA COM RITA (ENTREVISTADA B).

1. Qual seu nome e idade?

Rita Gomes Lima, 78 anos

2. Em que ano você chegou aqui no povoado? Ele já tinha esse nome? Se não, qual era o nome?

“Quando eu cheguei o nome era Folha Grossa já, foi em 45”.

3. Você sabe o motivo do povoado ter esse nome? Fale um pouco a respeito

“Não sei, porque nunca vi ninguém falar do porquê do Folha Grossa, quando chegamos já era esse nome Folha Grossa e ai não sei o significado”

4. Fale um pouco sobre a evolução do povoado desde sua chegada até os dias de hoje.

“Quando cheguei aqui tava com 1 ano de nascida, nasci em 44, em 45 nós viemos com ano de nascida, aí daí pra cá foi só, eu cresci e vendo meus pais trabalhar e falar sobre esse povo, e que tinha muita gente que tinha vindo pra cá e gostado, vieram de muda do Maranhão pra cá porque gostaram. Agora melhorou, de antes era muito difícil pra gente” (sic.).

5. Quando você chegou no povoado tinham muitos palmeira de coco babaçu?

“Tinha mais coco, pois agora o povo derrubaram muitos cocos, quase acabaram, tem mais pra fora, afastado, aqui mesmo acabaram quase com o coco babaçu” (sic.).

6. Você colhia e utilizava o coco babaçu? Se sim, qual a utilidade para sua vida?

“Sim, a gente colhia e utilizava, até hoje uso”.

7. Fale se vendia ou não o coco babaçu (Se usava apenas para alimentação ou servia para vender e dar dinheiro a família?)

“Quebrava muito coco para comprar as coisas, mais agora não precisa mais, agora só usar mesmo. Mas antes usava só o bago, quebrava e vendia, pesava na balança. Comprava caderno pra meus meninos, quebrei coco pra meus meninos ir pro colégio. Era difícil”

8. O que fazia com a casca do coco?

“Primeiro a gente não fazia nada, só queimava, aí daí pra cá eu não sei a data que a gente começou a fazer o carvão, eu sei que a gente queimava, juntava tantos cocos e quebrava. Depois de separar o bago, a casca a gente queimava, a gente não sabia que elas servia pra fazer carvão aí a gente só tocava fogo e de certos tempos pra cá que foi descoberto.”

9. Sua renda era apenas do coco babaçu? Se sim, até hoje é assim?

“Era só o coco, não tinha outra renda, agora é só para consumo”.

10. A quanto tempo você trabalha com o coco babaçu?

“Comecei acho que com uns 10 anos”.

11. Se não existisse o coco babaçu como seria sua vida no início aqui no povoado?

“Era mais difícil, porque não tinha outra profissão, eu não tinha saber pra arrumar um serviço, minha vida não foi fácil, quebrava coco para comprar toda coisa de comer”.

12. Se você ainda trabalha com o coco babaçu, hoje usa apenas a amêndoa dele ou usa ele como um todo?

“Usa tudo, casca faz carvão, bago do coco faz azeite, a palha cobre casa, e a madeira também faz a madeira da casa, o Silvino tem casa aqui coberta com a madeira do coco, usa tudo”.

13. Qual a importância do coco babaçu para você e para o povoado?

“É muito importante, muita gente tira o óleo para comer e para vender, tem gente que vende até hoje, como a Eliza mesmo tira pra vender, eu não tiro pra vender, eu tiro para o consumo mesmo, eu vendia mais agora não vendo mas não. Antes era

a renda que tinha, vendia para comprar alguma coisa que era melhor do que vender por quilo de coco e tirando o azeite vendia mais ou menos o litro de azeite”.

14. Sua vida teve algum impacto após a implantação da TOBASA em Tocantinópolis? Se sim, fale um pouco se foi bom ou ruim

“ Não, porque ela não incomodou eu fazer, tirar o meu azeite, continuo do mesmo jeito”.

15. Quantas pessoas do povoado que você conhece trabalham na TOBASA?

“Que eu sei, só esses meninos mesmo, o Robim”.

16. Você sabe quem foi o primeiro morador do Povoado Folha Grossa?

“Não, porque não sei se foi o finado Raimundo Caboco, não sei se foi ele, sei que quando chegamos aqui parece que ele já tava morando aqui.”.

17. Você sabe quando (ano) o povoado foi criado?

“Não, não sei”

2.3 ENTREVISTA COM ELIZA (ENTREVISTADA C).

1. Qual seu nome e idade?

Eliza Ribeiro da Silva, eu sou de 56 do dia 02 de fevereiro

2. Em que ano você chegou aqui no povoado? Ele já tinha esse nome? Se não, qual era o nome?

“Quando cheguei para Folha Grossa eu tava com idade de 2 anos, quando a mãe veio de onde nós morava foi em 1958”.

3. Você sabe o motivo do povoado ter esse nome? Fale um pouco a respeito

“Não sei dizer porquê quando nós chegamos aqui já conhecemos por Folha Grossa.”

4. Fale um pouco sobre a evolução do povoado desde sua chegada até os dias de hoje.

“Teve melhoria assim sabe, porque primeiro todo mundo aqui era pessoal sofrido, aí quem não era que tinha uma condição melhor pra suprir os outros que não tinha igualmente nós que era quebradeira de coco, aí nós quebrava o coco e vendia pra eles para nós comprar os alimentos na mão deles”.

5. Quando você chegou no povoado tinham muitos palmeira de coco babaçu?

“Tinha muito coco, essas bandas aqui, essas terras aqui, até para um lado e para o outro até sair no cemitério era tudo coco, foram desmatando, não foi nem tanto para fazer casa, foi para fazer quinta pra botar gado”.

6. Você colhia e utilizava o coco babaçu? Se sim, qual a utilidade para sua vida?

“Era, a utilidade que tinha era igualmente nós tamos falando, nós quebrava ele, vendia pra comprar alimento pra nós comer essa casca aqui de primeiro ninguém fazia conta dela”.

7. Fale se vendia ou não o coco babaçu (Se usava apenas para alimentação ou servia para vender e dar dinheiro a família?)

“Naquela época vendia só o coco mesmo, os comprador aqui era finado seu Paizim e o finado Gentil, o azeite que tirava era só para gasto da casa mesmo, agora não a gente já tira e vende, naquele tempo era difícil demais, aqui mesmo no Folha Grossa nós sofremos de mais. Hoje em dia agradeço a Deus por ter colocado essa riqueza para nós porque hoje em dia facilitou de mais”.

8. O que fazia com a casca do coco?

“Essa casca aqui de primeiro ninguém fazia conta dela, essa casca tinha um depósito, botava ela toda só para queimar pra não ficar em cima da terra, ai onde o pessoal botava também o gado, jumento passava o dia inteiro roendo essa casquinha aqui da pela do coco, dai depois a madinha Maria do finado Derico foi quem descobriu, aqui todo mundo cozinhava era na lenha que naquele tempo nem gás não tinha ainda, era cozinhado na lenha, ai depois da lenha que ela surgiu esse carvão, ela foi uma vez na imperatriz, quando me entendi já tinha gás mais era difícil, não era todo mundo que tinha condição de usar, só era mais na lenha, eu mesma conheci a dona Frozina cozinhando só na lenha, o Antônio Rita também tudo era na lenha”.

9. Sua renda era apenas do coco babaçu? Se sim, até hoje é assim?

“Era só o coco mesmo, nós não tinha renda de outra coisa, veio ter uma rendinha a mais já foi um vale gás na época de 70 e 72, até a era desses meninos meu ainda foi uma época sofrida porque não tinha emprego, era só o coco, nois quebrava coco só mas mais era de adjunto eu fazia o monte quebrava aqui em casa, ajuntava dez, doze, quinze muié ai na outra semana era lá na casa da dona frozina, cada semana era essa vizinhança, nós não tinha cocau como a dona frozina, aí quebrava espaiado pro rumo do sembau, tudo nós andava quebrando coco”.

10. A quanto tempo você trabalha com o coco babaçu?

“Eu comecei eu tinha a base de uns 8 anos, quando eu comecei quebrando que eu não dava conta nem de partir, com 13 anos já quebrava era muito, e aí eu comecei nessa época, e até hoje tô com 67 anos e ainda hoje vivo nessa luta rea, quebrando coco, eu acho bom quebrar coco, agora não tô podendo muito porque é

uma dor no braço e o machado ruim, mas até o ano passado ainda quebrei muito coco”.

11. Se não existisse o coco babaçu como seria sua vida no início aqui no povoado?

“Se não tivesse o coco babaçu não sei nem como teria sido minha vida, porque eu não tinha outro emprego, pra mim trabalhar e naquele tempo não tinha nem barreção de rua. Eu deixava meus filhos sozinhos o dia todinho e tocava nessa mata do simbal pra quebrar coco, saia de manhã quando chegava era 5 horas da tarde em casa, quando chegava ia caçar uma coisinha pra eles comerem”.

12. Se você ainda trabalha com o coco babaçu, hoje usa apenas a amêndoa dele ou usa ele como um todo?

“Do coco se aproveita tudo, não se perde nada do coco, porque você faz carvão, da palha você faz uma casa, do olho da palha faz abano, esteira, do talo faz parede, até sabão de coco eu faço, há se o pessoal desse valor ao coco, agora acabou não tem mais quebradeira de coco é faço tudo com ele até sabão do gongo eu faço, pense num sabão bom pra ariar vasilha, ele tem um cheirinho mas quando areia a vasilha não fica cheiro de nada, ai depois que fiquei de maior mesmo cuidando dos meus filhos quebrando coco, panhando feijão nas roças alheias, panhando arroz de mea, ai onde eu achava a oportunidade de plantar um pedacinho eu plantava pra mim colher minhas coisinhas”.

13. Qual a importância do coco babaçu para você e para o povoado?

“O coco babaçu pra mim foi tudo, eu agradeço muito a Deus e a rocinha também que a gente ia ganhar arroz nas roças alheias, aqueles que tinha dó da gente dava, mas tinha gente ruim que não dava não, preferia pagar, nós cansamos de pegar arroz na arroba”.

14. Sua vida teve algum impacto após a implantação da TOBASA em Tocantinópolis? Se sim, fale um pouco se foi bom ou ruim

“ Não, assim sobre a Tobasa, foi até bom por uma parte, porque a Tobasa começou a pegar esses coco, ai tem muita gente também que é fraco de condição de se empregar em outro emprego ai se emprega na tobasa em pegar coco , sem eles

os cocos se estruía, pois os mais vei que quebrava morreu quase tudo, e os mais novo não sabe quebrar e mesmo quem sabe não se interessa, quem é que vai lá numa poeira dessa aqui, por um lado a tobasa foi boa o coco não tá se perdendo muito porque quem tinha seus cocos esse pessoal mais velho não vendia nao coco pra tobasa não, aí nós quebrava pra eles, eu mesma aqui eu não tinha coco eu ia quebrar pra dona frozina de mea, ai depois eu achei que o produto tava muito pouco pra gente, aí eu quebrava ele, vendia o azeite ai daquele azeite que eu vendia comprava tapioca, fazia bolo pra mim vender nas festas, comprava um quilinho de carne tudo com o coco, tudo era renda do coco”.

15. Quantas pessoas do povoado que você conhece trabalham na TOBASA?

“O Dé trabaia lá, o Robim já trabaiou lá também, parece que o Ivan também, e o Tchally”.

16. Você sabe quem foi o primeiro morador do Povoado Folha Grossa?

“Pra mim te dizer a verdade eu não sei quem foi os primeiros moradores daqui, porque quando cheguei já tinha muita gente aqui, o morador mais velho que conheci aqui foi finado João Chico, pai da madrinha Zelina, finado Zé batata pai da comadre Alcina, finado Martins, aquele povo do Luís caboco também”.

17. Você sabe quando (ano) o povoado foi criado?

“Não”